



Ano 1 | # 01 | edição bimestral | janeiro e fevereiro de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Correspondentes estrangeiros no Brasil

ROCHA, Jan; MILZ, Thomas; GOYZUETA, Verônica (orgs). **O Brasil dos correspondentes** São Paulo: Mérito, 2008. 334p.

ISBN 978-85-61758-24-0

Carla Reis Longhi¹

O Brasil dos Correspondentes é um livro comemorativo. Festeja os 30 anos da Associação dos Correspondentes Estrangeiros, a ACE, e traz como resultado a reunião de 35 artigos escritos por 27 profissionais, a maioria estrangeiros. Os organizadores vivem há muitos anos no Brasil e apresentam mais de um artigo cada um.

O livro propõe a reconstituição de parte da história da Associação dos Correspondentes (1977-2007) através da narração de situações vividas por esses jornalistas, pela retomada de notícias que fizeram história ou ainda pelo testemunho da experiência do correspondente em país estrangeiro e seu modo de enxergar uma cultura distinta. Os artigos reconstituem, também, parte da nossa história, através do olhar dos correspondentes. Neste sentido, trata-se de um rico material de registro de parte da memória nacional.

Num país como o Brasil, que infelizmente valoriza muito pouco sua história e, logo, sua memória, o livro ganha importância fundamental, tornando-se valioso documento para jornalistas e pesquisadores das diferentes áreas das Ciências Sociais. Seus textos revelam um período denso e complexo, iniciando-se com os dois últimos governos

¹ Doutora em história pela USP. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista e Professora do Depto de História da PUC/SP.

militares, percorrendo o período de distensão e abertura e chegando ao contexto contemporâneo, que traz a multiplicidade do global em diálogo com o local.

Este é um livro surpreendente. É um relato do Brasil, ou, como colocado na apresentação feita por Alberto Dines, “na verdade, uma inesgotável antologia de relatos, verdadeiros, palpantes, contrastantes”. Do jogo de palavras, desnudamos a lógica do livro. Não é um Brasil que vai sendo constituído pela composição dos diferentes artigos, compondo ao final um grande relato; outrossim, é um mosaico de impressões, de experiências, de vieses, mostrando que o Brasil não pode ser um, mas uma somatória, uma antologia, como colocado acima.

Isto porque não só cada artigo apresenta um estilo - alguns são mais diretos, objetivos, formais, e outros mais emotivos ou pessoais -, como também facetas muito distintas deste país, que necessariamente não dialogam entre si. Não temos condições, aqui, de comentar sobre todos os artigos e nem poderia ser esta nossa intenção, pois a leitura possibilitará a cada leitor uma avaliação e sensação distintas e esta é a riqueza do livro. Deixamos para os leitores a totalidade dos relatos, mas não nos eximiremos de retomar alguns.

A palavra que destacamos é diversidade. Primeiro a diversidade temporal: os correspondentes tomaram contato com a realidade brasileira em momentos distintos deste interregno de 30 anos. Alguns já estavam aqui nos anos 70, antes mesmo da fundação da associação, e outros contam suas experiências contextualizadas nos anos 80, 90 e mesmo no século XXI; certamente esta temporalidade distinta garante preocupações e enfoques diferentes. Não é à toa, por exemplo, que Yann Le Houelleur, escrevendo nos dias de hoje, diz que os franceses não têm mais interesse em ler sobre questões sociais, sobre a miséria, pois já vivem seus próprios problemas e preferem saber sobre temas que possam favorecer sua própria vida: o biocombustível e suas possibilidades, por exemplo, é tema contemporâneo, tratado por este autor em um de seus artigos.

Diversidade ao tratar sobre a política: primeiro, porque nossa realidade política sofreu transformações contínuas nestes 30 anos, tendo sido, talvez, o período de maior efervescência. Depois, porque o trato de um mesmo tema também nos oferece distintos olhares. Esta é a riqueza do relato. Jan Rocha, em seus artigos intitulados “Lula e o PT”

e “Deus é brasileiro”, bem como Bernardo Kucinski, com seu artigo “Correstrangeiros”, nos fornecem um verdadeiro documento histórico sobre o regime militar.

Jan Rocha, no primeiro artigo, recupera o contexto iniciado em 1977 e nos faz rememorar um período, ao mesmo tempo, tenso e vivo, com a emergência de Lula como sindicalista de destaque, percorrendo o contexto do fortalecimento do sindicalismo, a erupção das greves operárias de 1978 e 1979 e as conquistas trabalhistas. No segundo, nos lembra do papel da Igreja, representada pelos teólogos da libertação, desafiando com coragem a ditadura militar e denunciando a censura e a tortura. Nos faz lembrar um tempo duro, mas no qual havia esperança, na generosidade humana e na ação política, depositada neste aspecto, no recém-criado Partido dos Trabalhadores.

Kucinski tem um texto forte e, por ser um relato carregado de memórias pessoais, nos tira do entorpecimento que vivemos hoje; eram tempos de risco e de força, militar e humana.

Outros textos também participam desta retomada histórica, ao destacarem distintas personalidades políticas, os contextos que propiciaram sua ação e conseqüências dessa atuação. São assim, por exemplo, os artigos intitulados “A decolada de Collor”, de Richard House, “A Era de FHC. Memórias de um estadista”, de Verônica Goyzueta, além de textos sobre a era Lula, como o de Carlos Turdera, “A estrela vermelha chega ao céu”, analisando a vitória de 2002, ou ainda, o de Thomas Milz, “Noite de tragédia na Casa de Portugal”, que discute a crise do mensalão e a situação das principais personalidades petistas, destacando-se o caso de José Dirceu. A riqueza de vieses, informações e análises é enorme; é quase um mapeamento de nossa história política recente.

O livro apresenta também grande diversidade temática. É capaz de falar sobre o Brasil não só pela política, mas também pela economia e pela cultura. O tema cultura se desdobra em múltiplas faces e nos apresenta muitos Brasis. Aqui temos a completa dimensão da imensidão que é este país: são muitos mundos, que não dialogam entre si. No artigo “Vozes das aldeias para o mundo”, de Railda Herrero e Mario de Freitas, por exemplo, há o objetivo de desnudamento da realidade indígena contemporânea, retratando o estado de pobreza e sofrimento destes grupos, hoje composto de 235 etnias, discutindo os limites da atuação do Estado e, principalmente, buscando quebrar com

estereótipos construídos sobre este tema. É inegável que este é um assunto com o qual temos dificuldade em lidar.

Esta multiplicidade de enfoques garante, também, o contato com experiências que são quase “causos”, dada sua leveza e graça, na mais típica retomada de uma prática cultural que vem se perdendo e com ela, a preocupação com nossa memória. Fazem parte deste eixo temático, entre outros, os artigos de Stanley Lehman, quando confessa que não sabia quem era Ronnie Biggs, ou de Thomaz Milz, quando narra sua paixão pelo futebol brasileiro.

É interessante salientar, ainda, dentro do campo da diversidade temática, relatos que possibilitam o desvelamento da prática jornalística, dos interesses das empresas que mantêm seus correspondentes em outros países, nos convidando a entender as dinâmicas e procedimentos deste fazer. Neste sentido, o texto de Antonio Adami é fundamental. A partir da apresentação de sua experiência na Deutsche Welle Akademie, acaba por explicitar projetos e dinâmicas próprias da vida do correspondente, estabelecendo profunda crítica sobre a situação de descaso das autoridades com estes profissionais em nosso país.

Se o Brasil, por si só, é a explicitação da diversidade, esta é enriquecida pela multiplicidade de enfoques garantidos pela visão de cada jornalista, em função de sua própria formação profissional e caudal cultural. Alguns relatos são primorosos, ao expor o amor, a paixão ou a incompreensão dos estrangeiros no contato com o Brasil. Roberto Cattani é cirúrgico ao analisar contradições e exotismos da cultura brasileira, em seu texto “O gigante com pés de lama”. Mostra, entre outros aspectos, todo o seu estranhamento ao perceber como a população conseguia conviver pacificamente no caos econômico, com a montanha-russa alucinada da economia nos anos 80, exposta a uma inflação estratosférica e, conseqüentemente, à instabilidade cotidiana. Ao mesmo tempo não conseguia compreender como podíamos ser, a um só tempo, uma sociedade “moderada” (termo usado por ele) e desconfiada. Essa reconstrução de um olhar, que se dá na alteridade, nos remete e possibilita à contínua busca de uma compreensão do ser brasileiro.

Por fim, este livro oferece, também, um riquíssimo material iconográfico, exposto em papel *couché* colorido, fato este que, por si só, já justifica o contato com o material, dada a beleza gráfica e a forma prazerosa como flui a leitura.

